

São Vicente

Ano XLIV - N. 266 - Novembro-Dezembro 2011

Informativo

Provincia Brasileira da Congregação da Missão



INFORMATIVO SÃO VICENTE

Boletim de circulação interna da Província Brasileira da Congregação da Missão

Ano XLIV - Nº 288

Novembro – Dezembro de 2011

Rua Cosme Velho, 241

22241-125 Rio de Janeiro - RJ

Telefone: (21) 3235 2900

Fax: (21) 2556 1055

E-mail:

informativosv@yahoo.com.br

pbcm@pbcm.com.br

www.pbcm.com.br

Equipe responsável pelo
Informativo São Vicente

- **Pe. Vinícius Augusto R. Teixeira**
- **Pe. Paulo Eustáquio Venuto**
- **Pe. Gentil José Soares da Silva**

Revisão:

- **Pe. Lauro Palú**

Formatação e Impressão:

- **Cristina Vellaco**
- **Equipe de Mecanografia do
Colégio São Vicente de Paulo**

Natal é caminhar com Deus

"Eu sou aquele que está convosco" (Ex 3,14).

Deus vê a miséria do povo, ouve o seu clamor, conhece a sua angústia.

Deus desce para libertá-lo do cativeiro e o leva à Terra do Bem-Viver.

Mas Deus continua invisível, insondável, misterioso, inacessível.

"Nasceu-vos hoje um Salvador" (Lc 2,11).

Deus se torna humano e nasce na gruta de Belém.

É o filho de Maria de Nazaré.

Seu nome é Jesus.

Ele proclama o Reino da Justiça e da Paz, é perseguido, condenado, e morre na cruz.

Mas vence a morte, salva e liberta da escravidão, angústia e miséria.

"Estou convosco todos os dias" (Mt 28,20).

Natal é caminhar com Deus na Justiça, no Amor e na Paz.

Natal é confiar no Deus presente, apesar de injúrias e derrotas.

Natal é defender as maravilhas de Deus, no Xingu e em todo o planeta.

Que Deus nos conceda a graça de viver a Boa Nova do Natal, todos os dias do Ano Novo e sempre.

Erwin Kräutler

Bispo do Xingu

Sumário

Editorial	339
Voz da Igreja	341
Superior Geral	347
Palavra do Visitador	353
Olhar Teológico	<i>Origem religiosa das férias</i> 356 Pe. José Lisboa Moreira de Oliveira
Espiritualidade	<i>Estender a lona da Espiritualidade Vicentina na própria vida</i> 360 Pe. Eli Chaves dos Santos, C. M.
Vida da Província	<i>Ordenações Presbiterais</i> 368 Pe. Francisco Ermelindo Gomes, C. M.
SAVV	<i>Encontro Vocacional Vicentino</i> 371 Pe. Alexandre Nahass Franco, C. M.
Missão	<i>Curso de inserção missionária</i> 375
Além-Fronteiras	Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado, C. M.
Notícias	380

Editorial



Fim do ano, tempo que se encurta na pressa dos dias em trazer o Ano Novo. Tempo de esperança de novos dias e de expectativa de mudanças. É tempo de Natal.

A chegada do Messias, tão esperado e anunciado no passado, realiza o anseio de toda a criação por um tempo novo, quando conhecerá a plenitude de vida, em harmonia e paz. No dizer do Bispo profeta-poeta, o Natal, caminhar de Deus no

caminhar dos homens, é, também, defender as maravilhas de Deus em todo lugar por onde elas se derramam e se escondem.

No esforço comum de construir esse tempo em que o mundo experimente de verdade a paz e a justiça, líderes religiosos se uniram em oração, convocando todos, religiosos ou não, a viver como peregrinos da verdade e da paz.

Conforta-nos saber que muitos desses peregrinos, vivendo nas fronteiras, anunciam, concretamente com suas vidas e seus trabalhos, que esse tempo e esse mundo já são realidade. O que não nos acomoda, pelo contrário, como herdeiros do carisma vicentino, nos compromete, também, a sermos testemunhas da força e da presença de Deus no mundo de hoje.

Também tempo de férias, tempo sagrado de participar do descanso de Deus, tal como nos ensinam os escritores sagrados. Descanso que é também denúncia de toda dominação e da rejeição do projeto de Deus que é de vida, liberdade e justiça. O merecido descanso lembra esse passado e projeta, também, para o futuro da criação. É *“a amostra do*

que esperamos e preparamos: viver e experimentar, desde já, na alegria da convivência humana, a presença criadora e libertadora de Deus no meio do seu povo". Cabe a nós não corromper esse seu sentido original.

No contexto do mundo de hoje, depositários e responsáveis por um patrimônio espiritual deixado por São Vicente, somos chamados a estender a lona e a fincar as estacas de nossas barracas nos "campings" do mundo afora. Se as usamos para descansar quando é tempo, nelas somos convocados a deixar o Espírito tomar conta de nós e suscitar "*a força da audácia criativa para viver e agir como Jesus, Servidor e Evangelizador dos Pobres*".

Resta-nos, leitores, arranjar tempo para ler todas estas riquezas semeadas nesse número do nosso *Informativo São Vicente* de final de ano.

Tenham todos um feliz e abençoado Natal, cujas bênçãos se estendam por todo o ano de 2012.

Pe. Paulo Eustáquio Venuto, C. M.

Voz da Igreja

Discurso do Santo Padre Bento XVI para a Jornada de Reflexão, Diálogo e Oração pela Paz e Justiça no Mundo

"Peregrinos da verdade, peregrinos da paz"

Assis, Itália, 27 de outubro de 2011



Queridos irmãos e irmãs,
distintos Chefes e representantes das Igrejas e Comunidades eclesiais e
das Religiões do mundo, queridos amigos,

Passaram-se 25 anos, desde quando, pela primeira vez, o beato Papa João Paulo II convidou representantes das religiões do mundo para uma oração pela paz em Assis. O que aconteceu desde então? Como se encontra hoje a causa da paz? Naquele momento, a grande ameaça para a paz no mundo provinha da divisão da terra em dois blocos

contrapostos entre si. O símbolo saliente daquela divisão era o muro de Berlim que, atravessando a cidade, traçava a fronteira entre dois mundos. Em 1989, três anos depois do encontro em Assis, o muro caiu, sem derramamento de sangue. Inesperadamente, os enormes arsenais, que estavam por detrás do muro, deixaram de ter qualquer significado. Perderam a sua capacidade de aterrorizar. A vontade que tinham os povos de ser livres era mais forte que os arsenais da violência. A questão sobre as causas de tal derrocada é complexa e não pode encontrar uma resposta em simples fórmulas. Mas, ao lado dos fatores econômicos e políticos, a causa mais profunda de tal acontecimento é de caráter espiritual: por detrás do poder material, já não havia qualquer convicção espiritual. Enfim, a vontade de ser livre foi mais forte do que o medo face a uma violência que não tinha mais nenhuma cobertura espiritual. Sentimo-nos agradecidos por esta vitória da liberdade, que foi também e sobretudo uma vitória da paz. E é necessário acrescentar que, embora naquele contexto não se tratasse somente, nem talvez primariamente, da liberdade de crer, também se tratava dela. Por isso, podemos, de certo modo, unir tudo isso também com a oração pela paz.

Mas, que aconteceu depois? Infelizmente, não podemos dizer que desde então a situação se caracterize por liberdade e paz. **Embora a ameaça da grande guerra não se aviste no horizonte, o mundo ainda está, infelizmente, cheio de discórdias.** E não é somente o fato de haver, em vários lugares, guerras que se reacendem repetidamente; a violência como tal está potencialmente sempre presente e caracteriza a condição do nosso mundo. **A liberdade é um grande bem. Mas o mundo da liberdade revelou-se, em grande medida, sem orientação, e não poucos entendem, erradamente, a liberdade também como liberdade para a violência. A discórdia assume novas e assustadoras fisionomias e a luta pela paz deve-nos estimular a todos de um modo novo.**

Procuremos identificar, mais de perto, as novas fisionomias da violência e da discórdia. Em grandes linhas, parece-me que é possível individuar duas tipologias diferentes de novas formas de violência, que

são diametralmente opostas na sua motivação e, nos particulares, manifestam muitas variantes. Primeiramente, temos o terrorismo, no qual, em vez de uma grande guerra, se realizam ataques bem definidos que devem atingir pontos importantes do adversário, de modo destrutivo e sem nenhuma preocupação pelas vidas humanas inocentes, que acabam cruelmente ceifadas ou mutiladas. Aos olhos dos responsáveis, **a grande causa da danificação do inimigo justifica qualquer forma de crueldade. É posto de lado tudo aquilo que era comumente reconhecido e sancionado como limite à violência no direito internacional. Sabemos que, frequentemente, o terrorismo tem uma motivação religiosa e que precisamente o caráter religioso dos ataques serve como justificação para esta crueldade monstruosa, que crê poder anular as regras do direito por causa do «bem» pretendido. Aqui, a religião não está a serviço da paz, mas da justificação da violência.**

A crítica da religião, a partir do Iluminismo, alegou repetidamente que a religião seria causa de violência e assim fomentou a hostilidade contra as religiões. Que, no caso em questão, a religião motive de fato a violência é algo que, **enquanto pessoas religiosas, nos deve preocupar profundamente.** De modo mais subtil, mas sempre cruel, vemos a religião como causa de violência também nas situações onde esta é exercida por defensores de uma religião contra os outros. O que os representantes das religiões congregados no ano de 1986, em Assis, pretenderam dizer – e nós o repetimos com vigor e grande firmeza – era que esta não é a verdadeira natureza da religião. Ao contrário, é a sua deturpação e contribui para a sua destruição. Contra isto, objeta-se: Mas donde deduzis qual seja a verdadeira natureza da religião? A vossa pretensão por acaso não deriva do fato que se apagou entre vós a força da religião? E outros objetarão: **Mas existe verdadeiramente uma natureza comum da religião, que se exprima em todas as religiões e, por conseguinte, seja válida para todas? Devemos enfrentar estas questões, se quisermos contrastar de modo realista e crível o recurso à**

violência por motivos religiosos. Aqui, situa-se uma tarefa fundamental do diálogo inter-religioso, uma tarefa que deve ser novamente sublinhada por este encontro. Como cristão, quero dizer, neste momento: É verdade, na história, também se recorreu à violência em nome da fé cristã. Reconhecemo-lo, cheios de vergonha. Mas, sem sombra de dúvida, tratou-se de um uso abusivo da fé cristã, em contraste evidente com sua verdadeira natureza. O Deus em quem nós, cristãos, acreditamos é o Criador e Pai de todos os homens, a partir do qual todas as pessoas são irmãos e irmãs entre si e constituem uma única família. A Cruz de Cristo é, para nós, o sinal daquele Deus que, no lugar da violência, coloca o sofrer com o outro e o amar com o outro. O seu nome é «Deus do amor e da paz» (2Cor 13,11). É tarefa de todos aqueles que possuem alguma responsabilidade pela fé cristã purificar continuamente a religião dos cristãos a partir do seu centro interior, para que – apesar da fraqueza do homem – seja verdadeiramente instrumento da paz de Deus no mundo.

Se hoje uma tipologia fundamental da violência tem motivação religiosa, colocando assim as religiões perante a questão da sua natureza e obrigando-nos a todos a uma purificação, há uma segunda tipologia de violência, de aspecto multiforme, que possui uma motivação exatamente oposta: é a consequência da ausência de Deus, da sua negação e da perda de humanidade que resulta disso. Como dissemos, os inimigos da religião veem nela uma fonte primária de violência na história da humanidade e, conseqüentemente, pretendem o desaparecimento da religião. **Mas o «não» a Deus produziu crueldade e uma violência sem medida, que foi possível só porque o homem deixara de reconhecer qualquer norma e juiz superior, mas tomava por norma somente a si mesmo.** Os horrores dos campos de concentração mostram, com toda a clareza, as conseqüências da ausência de Deus.

Aqui, porém, não pretendo deter-me no ateísmo prescrito pelo Estado; queria, antes, falar da «decadência» do homem, em conseqüência da qual se realiza, de modo silencioso, e por conseguinte

mais perigoso, uma alteração do clima espiritual. A adoração do dinheiro, do ter e do poder, revela-se uma contra-religião, na qual já não importa o homem, mas só o lucro pessoal. **O desejo de felicidade degenera num anseio desenfreado e desumano que se manifesta, por exemplo, no domínio da droga com as suas formas diversas.** Aí estão os grandes que com ela fazem os seus negócios e, depois, tantos que acabam seduzidos e arruinados por ela tanto no corpo como na alma. A violência torna-se uma coisa normal e, em algumas partes do mundo, ameaça destruir a nossa juventude. **Uma vez que a violência se torna uma coisa normal, a paz fica destruída e, nesta falta de paz, o homem destrói-se a si mesmo.**

A ausência de Deus leva à decadência do homem e do humanismo. Mas, onde está Deus? Temos nós possibilidades de o conhecer e mostrar novamente à humanidade, para fundar uma verdadeira paz? Antes de mais nada, sintetizemos brevemente nossas reflexões feitas até agora. Disse que existe uma concepção e um uso da religião através dos quais esta se torna fonte de violência, enquanto que a orientação do homem para Deus, vivida retamente, é uma força de paz. Neste contexto, recordei a necessidade de diálogo e falei da purificação, sempre necessária, da vivência da religião. Por outro lado, afirmei que a negação de Deus corrompe o homem, priva-o de medidas e leva-o à violência.

Ao lado destas duas realidades, religião e anti-religião, existe, no mundo do agnosticismo em expansão, outra orientação de fundo: pessoas às quais não foi concedido o dom de poder crer, e todavia procuram a verdade, estão à procura de Deus. Tais pessoas não se limitam a afirmar «Não existe nenhum Deus», mas elas sofrem devido à sua ausência e, procurando a verdade e o bem, estão, intimamente, a caminho Dele. São «peregrinos da verdade, peregrinos da paz». Colocam questões tanto a uma parte como à outra. Aos ateus combativos, tiram-lhes aquela falsa certeza com que pretendem saber que não existe um Deus e convidam-nos a tornar-se, em lugar de polêmicos, pessoas à procura, que não perdem a esperança de que a verdade exista e que nós podemos e devemos viver em função dela. Mas tais pessoas chamam em

causa também os membros das religiões, para que não considerem Deus como uma propriedade que de tal modo lhes pertence que se sintam autorizados à violência contra os demais. Estas pessoas procuram a verdade, procuram o verdadeiro Deus, cuja imagem não raramente fica escondida nas religiões, devido ao modo como eventualmente são praticadas. **Que os agnósticos não consigam encontrar a Deus depende também dos que creem, com a sua imagem diminuída ou mesmo deturpada de Deus. Assim, a sua luta interior e o seu interrogar-se constituem para os que creem também um apelo a purificarem sua fé, para que Deus – o verdadeiro Deus – se torne acessível.** Por isto mesmo, convidei representantes deste terceiro grupo para o nosso Encontro em Assis, que não reúne somente representantes de instituições religiosas. **Trata-se de nos sentirmos juntos neste caminhar para a verdade, de nos comprometermos decisivamente pela dignidade do homem e de assumirmos juntos a causa da paz contra toda espécie de violência que destrói o direito. Concluindo, queria assegurar-vos de que a Igreja Católica não desistirá da luta contra a violência, do seu compromisso pela paz no mundo. Vivemos animados pelo desejo comum de ser «peregrinos da verdade, peregrinos da paz».**

Benedictus PP XVI

Superior Geral

CONGREGAZIONE DELLA MISSIONE CURIA GENERALIZIA

Via dei Capasso, 30
00164 Roma – Itália

Tel. (39) 06 661 3061

Fax (39) 06 666 3831

e-mail: cmcuria@cmglobal.org



Advento de 2011

“A luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam” (Jo 1, 5)

A todos os membros da Família Vicentina.

A graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo encham seus corações agora e sempre!

A citação bíblica acima, do evangelho de São João, é oportuna para começarmos nossa meditação do tempo do Advento. Este período do ano é o momento em que muitos, no mundo, passam de longos dias ensolarados a dias mais curtos e mais escuros. O fim do ano se aproxima e nos oferece uma pausa para refletir não somente sobre o que passou, mas também sobre o que nos espera. A realidade desta mudança é

palpável tanto no tempo que passa através dos dias do calendário, como também no que vivemos no mais profundo de nós mesmos, em nossos corações.

Acredito que esta é a razão pela qual a Igreja nos concede este tempo do Advento: este tempo de mudança lembra-nos a fidelidade do amor. Através da Encarnação de Jesus, Deus nos assegura sua constante presença em nosso mundo. Em Jesus, temos um Deus que nos acompanha sempre, tanto nos momentos de luz quanto nos momentos de trevas, tanto no centro de nossas vidas quanto em suas fronteiras incertas. No entanto, é frequentemente nas fronteiras, nos “limites externos” de nossa vida, que o Senhor se revela a nós.

As narrativas do Advento nos mostram vidas vividas nas fronteiras: a surpreendente anunciação feita a Maria para ser a Mãe do Senhor, a nobre luta de José para aceitar esta impressionante realidade, o nascimento de Jesus na simplicidade de um presépio, a humilde homenagem dos pastores, o desenraizamento repentino da Sagrada Família para escapar da cólera e das mãos de Herodes. Todas estas narrativas do Advento nos mostram um Deus que, embora centrado no amor trinitário, “se aniquilou a si mesmo” (Fl 2,7), tornando-se homem. Escolhendo viver nas fronteiras, Jesus nos faz entrar no Reino de Deus e nos aproxima paradoxalmente do coração do amor de Deus.

Como Superior Geral, tenho o privilégio e o dever de visitar meus Coirmãos Lazaristas, as Filhas da Caridade e os membros da Família Vicentina de todo o mundo, para impulsionar o carisma de São Vicente de Paulo. Ao visitá-los, ofereço meu apoio e meu encorajamento àqueles que deixaram a segurança de sua terra para ir além das fronteiras e servir os Pobres. Fiquei muito edificado com muitos dos meus Coirmãos, muitas Filhas da Caridade e membros da Família Vicentina que entram corajosamente nos cantos escuros do mundo para iluminá-los com a luz do Cristo. Permitam-me partilhar alguns exemplos para ilustrar como eles vivem o caminho de luz e esperança do Advento.

Na República do Tchad, um dos países mais pobres da África, algumas Filhas da Caridade da Espanha, que prestam seus serviços em colaboração com os Lazaristas de Camarões, Madagascar e Quênia, trabalham em uma afastada zona rural, sem nenhuma presença da Igreja. Sua “igreja da missão” consiste em um estrado de madeira coberto com uma tenda improvisada, protegida por grandes mangueiras. Naquela região esquecida, levam Jesus e nosso carisma a um povo cuja fome e sede de Deus são saciadas através da Palavra de Deus e da caridade de Cristo.

No Reino Unido, visitei os “Vicentinos em Associação”, uma associação de pessoas que trabalham em favor dos Pobres, constituída por dez organismos e treze grupos. Rezamos juntos, refletimos e discutimos os meios para assimilar e comunicar o carisma vicentino de amor a Deus e serviço dos Pobres. Eles trabalham nas cidades com a juventude pobre, com pessoas sem lar, doentes mentais e dependentes químicos. Em suma, com os marginalizados da sociedade. Seus cuidados e sua compaixão vão além de suas fronteiras, chegando até à Irlanda, ao Leste Europeu e aos Estados Unidos. Há um site que relata sua história: <http://www.vip-gb.org>

Após um voo de oito horas, saindo de Moscou, cheguei a Magadan, na Rússia, um lugar que geograficamente parece estar no extremo da Terra. Aquela missão é atendida por uma comunidade de Filhas da Caridade vindas dos Estados Unidos e da Polônia. Ao chegar a Magadan, fui transportado para o mundo esquecido dos campos de prisioneiros e encontrei pessoas que, por décadas, foram objeto de tratamentos desumanos. Na época de Stalin, Magadan era o destino final de centenas de milhares de cidadãos soviéticos, catalogados como “inimigos do povo”.

As Filhas da Caridade acompanham os sobreviventes dos campos de prisioneiros – chamados “os expulsos” – e contribuem para sua recuperação, ajudando-os a “contar sua história”. Com a única presença da Igreja Católica na região, estes ex-prisioneiros têm agora uma

comunidade de fé acolhedora. A beleza da Igreja da Natividade, com sua capela dos mártires, honra o número incalculável e jamais revelado das pessoas que morreram nos campos de prisioneiros e as histórias vividas por aqueles que sobreviveram. Vocês podem ver esta Igreja através do site: <http://magadancatholic.org>

Cada uma dessas três experiências – Tchad, “Vicentinos em Associação” e Magadan – tem um lugar em meu coração neste tempo em que celebramos o Advento. Elas nos lembram que a luz do Cristo venceu a escuridão de um mundo repleto de pecado e de sofrimento. Os quatro evangelhos dos domingos do Advento nos ajudam a centrar-nos no que é essencial para o discípulo de Cristo: *“Ficai atentos e vigiai, pois não sabeis qual o momento”* (Mc 13, 33); *“preparai o caminho do Senhor”* (Mc 1, 3); confiantes de que *“para Deus, nada é impossível”* (Lc 1, 37) e *“para dar testemunho da luz”* (Jo 1, 7). Juntas, essas passagens evangélicas nos indicam o programa para ativar nossa fé ao longo de todo o ano.

Este caminho do Advento, feito de vigilância, entusiasmo e confiança, que testemunha a fé evangélica, foi fundamental na vida de São Vicente de Paulo, que encontrou o Cristo ali onde menos o esperava: em momentos “limites” de sua vida. As duas experiências principais de sua conversão foram a confissão de um homem doente e a exortação com sucesso a seus paroquianos para dar alimento e medicamentos a uma família gravemente doente. Ambas as experiências conduziram Vicente a Cristo nos Pobres. Uma vez dentro do mundo dos Pobres, sua vida foi transformada. A partir daquele momento, organizou e inspirou seus seguidores para que fizessem o mesmo: *“Portanto, não vos fixeis naquilo que sois, mas olhai Nosso Senhor, junto a vós e em vós, pronto para pôr mãos à obra tão logo recorráis a ele; e vereis que tudo irá bem”* (SV III, 133, a Luís Rivet, Padre da Missão, em Richelieu, 19 de dezembro de 1646).

Enquanto preparamos nosso coração e nossa casa para o Natal do Senhor, deixemos que as palavras de Jesus e o carisma de São Vicente de

Paulo ressoem mais profundamente em nosso coração e em nossa vida. Os relatos do Advento e do Natal evocam de maneira comovente aquele que nasceu, viveu e morreu por nós. O evangelho de João nos lembra, de forma estremeceadora, que Jesus *“veio a sua casa, mas os seus não o receberam”* (Jo 1, 11). Este foi também o caso da Sagrada Família. Com frequência, as pinturas e estampas piedosas a representam tranquila e serena, mas, na realidade, a Sagrada Família percorreu o caminho dos Pobres e o perambular dos refugiados.

Esta triste realidade continua até hoje. Cristo, que foi pobre, vive entre os Pobres que possuem apenas a roupa do corpo, que carecem de alimento, abrigo e dignidade humana. Entretanto, como diz São Vicente, nos Pobres encontram-se *“a verdadeira religião, a fé viva”*, como se pode ver em sua firme e inquebrantável confiança em Deus. Suas vidas e as dos membros da Família Vicentina que os acompanham proclamam diariamente o relato do Advento da esperança.

Durante estas semanas do Advento, sugiro que cada um de nós reserve um tempo, dentro de nossa intensa programação, para refletir sobre a Escritura e sobre a vida de São Vicente, para que sejamos discípulos de Jesus, *“vigilantes, entusiastas, confiantes e testemunhas”* do fundamental para nossa vocação, como membros da Família Vicentina. Se dedicamos tempo para encontrar o Senhor na oração, na Sagrada Escritura e na Eucaristia, teremos a coragem, como o fez São Vicente, de pedir ao Senhor que nos oriente para os Pobres, que passam muitas vezes despercebidos, às margens de nossas vidas. Agindo assim, viveremos em solidariedade com eles, nossos irmãos e irmãs em Cristo.

Permitam-me concluir com uma imagem significativa e apropriada para o Advento. Como lhes dizia anteriormente, a igreja da Natividade de Magadan oferece uma comunidade de cura e de esperança para os prisioneiros pobres do campo soviético. Esta pequena Igreja é um colírio para os olhos, com sua capela dos mártires, simbólica e impressionante, suas estações da via-sacra, seus vitrais impressionantes e sua iconografia

tão impactante que não se pode esquecer. No entanto, o ícone da Natividade (que está impresso no começo desta carta), acima do altar, é o que mais chama a atenção quando se entra na igreja. O lugar onde está colocado é, sem dúvida, o mais apropriado do ponto de vista litúrgico. Mas, para mim, este ícone representa muito mais. Ele nos mostra como o nosso ser de discípulos de Jesus e o carisma vicentino testemunham a força e a presença de Deus em nosso mundo de hoje. Apesar do terrível passado de Magadan, tanto o ícone quanto a igreja da Natividade confirmam que o Cristo nasce novamente. A igreja da Natividade e todas as obras da Família Vicentina no mundo são para nós recordações vivas e cotidianas de que *“a luz brilha nas trevas e as trevas não a venceram”*.

Que o Senhor nasça novamente em vocês neste Natal e os abençoe neste ano que se aproxima!

Seu irmão em São Vicente,

G. Gregory Gay, C. M.,

Superior Geral

Palavra do Visitador



Nas Trilhas da Esperança

Natal e Ano Novo, dois tempos em um só tempo. Tempo dos cartões e mensagens, da agitação no comércio, das viagens, encontros e festas para todos os gostos. Contudo, para nós cristãos, precisa ser primordialmente o

tempo da esperança enraizada em Jesus Cristo ressuscitado. O nosso Deus é “o Deus da esperança” (Rm 15, 13), que “nos fez renascer pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma esperança que é vida” (1Pd 1, 3). Pelo poder do Espírito Santo, ele nos faz “transbordar na esperança” (Rm 15, 13).

De esperança em esperança, a vida vai se fazendo. Esta virtude humano-divina brota de uma experiência fundamental: somos projeto infinito. Vivemos o aqui e agora à espera do que há de vir. Do que ainda não é, mas poderá ser. Somos seres de esperança, inacabados. É nossa condição humana. Estamos na expectativa. Alegremo-nos com o que somos e temos. Anelamos pelo que ainda não somos e nem temos.

Haja o que houver, esta virtude não pode faltar. Por um lado, ela nos impele a não perdermos de vista a meta final, a *utopia cristã* que dá sentido e valor à nossa existência inteira. Por outro lado, oferece-nos motivações para assumirmos nossos compromissos cotidianos de transformação da realidade, segundo o projeto de Deus que “viu que tudo era muito bom” (Gn 1, 31). É luz que transfigura o momento presente, mostra o sentido da vida e dos acontecimentos. Abre o horizonte para o futuro.

A história da salvação, desde o Primeiro Testamento, se desenrola como a *história da esperança*. O Deus da promessa cria o *povo da*

esperança. Tudo começa com o chamado de Abraão (Gn 12, 1s), a quem Deus promete terra e descendência. Inaugura-se o tempo de Israel, marcado não só pelos patriarcas, mas também pelos profetas, *despertadores da esperança*. Estes ajudam o povo a entender o sentido humano e divino da história.

Com a chegada de Cristo, o Profeta do Pai, a história da esperança chega ao clímax. Mas não termina aí. Assim como ao tempo de Israel segue-se o tempo de Cristo, ao tempo de Cristo, segue-se o tempo da Igreja, tempo que se chama hoje, sempre tempo da esperança. É nosso tempo.

Conforme o apóstolo Paulo, os pagãos são *“os que não têm esperança”* (Ef 2, 12). Entretanto, eles também foram chamados *“a uma só esperança”* (Ef 4, 4). Todas as criaturas humanas se encontrarão numa única esperança, que será o caminho comum da humanidade. *“Através da fé, nós temos acesso à graça, na qual nos mantemos e nos gloriamos, na esperança da glória de Deus”* (Rm 5, 2).

Para São Vicente, a esperança é uma virtude que se eleva entre a fé e a caridade, à semelhança da haste entre as raízes e os frutos. Nasce da fé e se expande na caridade. Se admiramos a fé e a caridade de São Vicente, devemos destacar igualmente sua atitude exemplar de esperança. Ele sabia esperar ‘desesperadamente’. Chegava a dizer: *“Não devemos, porventura, confiar em Nosso Senhor e deixá-lo agir, visto ser ele que nos dirige e não nós a nós mesmos?”* (SV X, 504). *“Firmemo-nos nesta amável confiança em Deus que é a força dos fracos e a luz dos cegos”* (SV III, 149). *“Deixemos Deus agir. Jamais nos faltará sua Providência, enquanto formos fiéis ao seu divino serviço”* (SV IV, 283). *“A esperança consiste em esperar da bondade de Deus o cumprimento das promessas que ele nos fez”* (SV X, 503). *“Só nos resta abandonar-nos à sua direção como uma criancinha se confia à sua mãe. Pode esta colocar o menino no braço direito e ele aí fica muito feliz. Que o passe para o esquerdo, com isto não se incomoda”* (SV X, 504).

Para se entender melhor esta virtude é preciso vivê-la. Conhecimento apenas teórico ainda é insuficiente. Sirva-nos de exemplo

a nobre atitude de um agricultor que, após a sementeira, tendo feito tudo o que dependia dele, de consciência tranquila, assim exclamou:

“Se não houver frutos, valeu a beleza das flores...

Se não houver flores, valeu a sombra das folhas...

Se não houver folhas, valeu a intenção da semente...”

A prova da autenticidade da esperança passa pela experiência do dia a dia vivido por cada criatura humana. Está bem ao nosso alcance. Aproveitemos esta oportunidade o quanto possível.

Pe. Geraldo Ferreira Barbosa, C. M.,

Visitador Provincial

Olhar Teológico

Origem religiosa das férias

José Lisboa Moreira de Oliveira

Filósofo, teólogo, escritor e professor universitário

Brasília (DF)



O direito à folga do trabalho e ao lazer é um dos mais antigos da humanidade. Tal direito tem origem religiosa. Na tradição judaico-cristã, aparece muitos séculos antes de Cristo, sendo codificado no Decálogo (Êx 20, 8-11; Dt 5, 12-15) e na narrativa da criação

(Gn 2, 2-3). No judaísmo, o direito à folga e ao lazer foi chamado em hebraico de *shabat*, traduzido para as línguas latinas com o termo *sábado*. Literalmente, *shabat* significa “cessação”. Segundo a Tradução Ecumênica da Bíblia, trabalhar no *shabat* era tido como algo nefasto e, por isso, proibido.

A este direito, a tradição judaico-cristã deu um significado religioso ou teológico. De fato, dentro da cultura semita daquela época não havia separação entre o religioso e o profano. Com isso, o direito semanal ao descanso ficou garantido aos seres humanos através do status de mandamento divino. Impedir alguém de descansar semanalmente era ofender a divindade: o ser humano tem o direito de participar do

descanso de Deus. Tal descanso era considerado o término da criação, de modo que se alguém se visse impedido de tal direito, a obra divina permaneceria inacabada.

A codificação do *shabat* no livro do Êxodo mantém a perspectiva religiosa. Porém, na tradição deuteronomista, surgida em Israel por volta do VI século a.C., o *shabat* adquire uma conotação *política*. A lembrança da libertação da escravidão do Egito era considerada por essa obra historiográfica o ponto de referência para avaliar a vida pessoal e social. Assim sendo, o *shabat* não era apenas a celebração do término da criação, mas o *símbolo* da liberdade do povo. Entre os povos da região que praticavam a escravidão, não havia a menor possibilidade de um dia de folga para os escravos. Ao garantir o descanso semanal para todos (Dt 5, 12-15), a obra deuteronomista denuncia toda forma de escravidão e a apresenta como contrária ao projeto de Deus.

Algum tempo atrás, Carlos Mesters nos recordava que o descanso semanal, na perspectiva do Deuteronômio, queria lembrar que Deus no passado libertou o seu povo. Mas ele quer também realizar no futuro o projeto da criação. Assim, o *shabat* é um convite a sermos criativos como Deus, sendo também nós libertadores. Conclui Mesters: *“O descanso e o lazer do feriado consagrado a Javé deveriam ser uma amostra do futuro que esperamos e preparamos: viver e experimentar, desde já, na alegria da convivência humana, a presença criadora e libertadora de Javé no meio do seu povo”*.

Somos, enquanto nação brasileira, herdeiros da tradição judaico-cristã. Por isso, seria de se esperar que o princípio do *shabat* fosse respeitado por aqui. Mas não é isso o que acontece. Em pleno século XXI, são numerosas as pessoas que trabalham sem o direito à folga semanal. Muitas empresas e muitos empregadores não dão férias para seus funcionários e condicionam a permanência destes no trabalho à aceitação dessa imposição. Inclusive obrigam os funcionários a assinarem documentos como se realmente tivessem saído de férias. Há ainda aqueles casos em que as férias dos funcionários são divididas em

verdadeiros “pedaços” de tempo, impossibilitando o verdadeiro descanso.

Esta situação de desrespeito por um direito tão fundamental é ocasionada pela mentalidade capitalista, hoje neoliberal. Neste sistema, o que vale é o lucro e não o ser humano. Este último é tratado como coisa ou mercadoria que está a serviço do enriquecimento do patrão. Logo, dar férias e respeitar o direito ao descanso e ao lazer é impedir que o dono do negócio ou da empresa tenha lucros volumosos.

Precisamos estar atentos, pois, na maioria das vezes, os patrões que desrespeitam o direito à folga e às férias dos trabalhadores são pessoas que se apresentam como muito religiosas. Frequentam templos, rezam muito, pagam dízimos, carregam andores de santos, patrocinam festas de suas igrejas. Na verdade, porém, usam o nome de Deus em vão, uma vez que o clamor dos seus funcionários chega aos céus e pede justiça (cf. Tg 5, 4). Diante disso, espera-se dos cristãos e das cristãs gestos corajosos de denúncia e de reversão dessa situação. Deixar que tal situação continue a existir é ferir um dos princípios mais elementares da fé cristã.

Porém, a perversidade do sistema neoliberal não se manifesta somente na violação do direito ao descanso. Está presente também no modo atual de descansar e de curtir as férias. Na tradição judaico-cristã, os momentos de folga são realmente momentos de descanso. A pessoa é convidada a sair da rotina, do estresse do cotidiano, e a curtir o silêncio, a beleza dos lugares, dos ambientes e da presença dos outros. Isso é mostrado pela imagem fantástica de Deus que passeia pelo jardim, curtindo a brisa deliciosa da tarde (cf. Gn 3, 8).

Hoje, a folga semanal e as férias não têm mais esta conotação. Além da falta de verdadeiros espaços de lazer e de descanso, as pessoas, instigadas pelo consumo e pela propaganda, transformaram estes momentos em verdadeiros tempos de estresse e de enervamento. Basta dar uma olhada nas filas e nos engarrafamentos para se sair das grandes

idades nos fins de semana e nos feriados. Aos chegarem aos locais de descanso e de lazer, as pessoas trazem consigo o barulho da cidade.

Hoje, nos momentos de folga e de lazer, não se curte a natureza, o som gostoso de uma cachoeira, o verde da mata, o canto dos pássaros, o amor da pessoa amada. Tudo fica resumido ao barulho irritante dos sons dos carros e dos palcos armados com o propósito de levar para os campings, praias e montanhas a confusão das cidades grandes. Isso acontece inclusive nos famosos “acampamentos” e “avivamentos” das igrejas cristãs. Ao término da folga e das férias as pessoas voltam para suas casas mais irritadas, nervosas e estressadas do que antes.

É a inversão radical do sentido e do significado original do princípio antropológico e religioso do descanso. Urge, pois, resgatar tal princípio. Enquanto herdeiros de uma tradição tão bonita e significativa, os cristãos e as cristãs podem contribuir significativamente para isso. Mas será que estão realmente dispostos a abrir mão do barulho irritante e ensurdecedor das guitarras e das baterias que “tocam para Jesus”?

Espiritualidade

Conforme o prometido, prosseguimos com a publicação das meditações oferecidas pelo Pe. Eli Chaves em nosso Retiro Provincial de 2011.



“Estender a lona da Espiritualidade Vicentina na própria vida”

*Pe. Eli Chaves dos Santos, C. M.,
Assistente Geral (Roma)*

📖 Lc 6,19; 8,43-48

Na sua ação, Jesus cheio do Espírito e fiel a ele, **irradia uma força nova**, que transforma, liberta e salva.

Este texto é significativo para mostrar que Jesus nos evangelhos aparece como um carismático, cheio do Espírito, desde o seu primeiro momento de existência. Concebido pela ação do Espírito, no batismo recebeu o Espírito em forma de pomba e agiu pela força do Espírito. Centrado em Deus e movido pelo Espírito, Jesus se configura com o Plano do Pai no anúncio da Boa Nova de vida e de liberdade aos pobres (Lc 4, 14-21). Ele se identifica com os Pobres, anuncia-lhes a Boa Nova, não cede às tentações e propostas humanas e passageiras. Ele mostra uma postura dinâmica de vida, possui um ideal vivido e traduzido numa entrega lúcida e generosa e mesmo sofrida e conflitiva. Ele abraça este ideal iluminado pela fé, sustentado por uma firme e determinada esperança, que não se deixa abalar; ele define seu ser, seus caminhos e compromissos a partir da plenitude de Deus que o Espírito lhe revela. O Espírito, qual uma lona, cobriu a vida de Jesus, protegeu-a das intempéries e lhe deu uma configuração libertadora e salvadora, na plena fidelidade e conformidade

com a vontade do Pai. E, sob a “lona” do Espírito, sua pessoa irradia a força do amor, a força do Espírito.

A força que opera em Jesus é chamada de *exousia* (soberania) ou *dínamos* (poder). É uma força que sai de Jesus, surpreendendo a ele próprio. Essa força divina que é Jesus, mas que age independentemente dele, isso é a revelação daquilo que, depois, se chamou de Espírito Santo como Espírito de Jesus. Verifica-se aqui uma identidade e uma diferença. O Espírito Santo é o sopro¹ do Pai e do Filho, o sopro do amor mútuo, o amor que entrelaça os dois. Esse amor se reflete em nosso amor que inunda nossa vontade, transforma nossa vida, nos impulsiona para o amor aos outros e se constitui numa força que se irradia para tornar todas as coisas novas, conforme o desígnio salvífico de Deus. O Espírito torna-se a força de nosso desejo e de nosso agir. Sua presença em nós faz-nos superar todas as ambiguidades, restaura nossa capacidade de amar, posta em nós pelo Criador, e suscita em nós a força da audácia criativa para viver e agir como Jesus.

Somos convidados a estender a lona do Espírito em nossa vida para que sua sombra nos proteja, nos configure no amor de Cristo, de modo que de nossa vida saiam forças, frutos de amor, frutos do Espírito. Penso que a Assembleia de 2010 quis ser para nós um apelo e um convite para nos ajudar hoje a entender e a estender bem este Espírito em nossa vida, conforme nossa vocação vicentina.

Com o lema “Fidelidade criativa para a missão”, a Assembleia quis nos ajudar a discernir os apelos do Espírito que nos reuniu e nos cobre nesta tenda da Congregação e nos dotou de dons e tarefas específicos para nossa vida e trabalho. A Assembleia produziu dois textos: uma “*Síntese*” dos temas, reflexões e debates realizados e um texto mais formal com “*Linhas de Ação*”. Estes textos (ou documentos) são uma tentativa de sistematizar e explicitar o trabalho feito, são um reflexo do trabalho realizado, embora não o capte de todo, nem o esgote.

¹ Sopro físico é símbolo de uma abertura ao além.

Penso que **todo texto tem o seu contexto e um “dito no não dito”**. E os textos da AG situam-se num contexto de reflexão e avaliação da vida e missão da Congregação. Não são textos propriamente analíticos, mas textos que reúnem interrogações, convicções e propostas para a vivência hoje do carisma vicentino na Congregação. Este contexto congregacional se situa dentro de um cenário mais amplo; conecta-se com a realidade sócio-ecclesial dentro da qual está a vida consagrada, interpelada pelos múltiplos apelos dos tempos atuais, de verdadeira mudança de época, de globalização, de crescimento da pobreza e da miséria, de surgimento de novas sensibilidades sociais, culturais e religiosas, de forte penetração da chamada cultura pós-moderna e do desenvolvimento do liberalismo econômico.

Os textos situam-se, pois, em continuidade com a temática da assembleia anterior (2004) e apresentam interrogações, convicções e propostas que vão sendo sistematizadas no diálogo, muitas vezes difícil e incompleto, entre o carisma congregacional e os apelos cada vez mais sofisticados e desafiadores do atual contexto sócio-cultural. Assim, no que se diz explicitamente, subjazem implicitamente às afirmações e propostas muitos elementos, fruto da análise da realidade. A compreensão do alcance das propostas depende muito da percepção e do entendimento deste “dito no não dito” que os textos podem comportar.

Enquanto refletem a vida concreta da Congregação, interpelada pelos desafios da realidade sócio-cultural, os textos apontam para a necessidade de uma revisão e revitalização criativa da vida e missão da Congregação, em vista de um serviço aos Pobres verdadeiramente evangélico e vicentino, significativo e atualizado. Nisto, reforçam algumas convicções e destacam algumas experiências que são verdadeiras **forças de crescimento**, para a Congregação crescer na fidelidade criativa; por outro lado, implícita ou explicitamente, apontam experiências e práticas que impedem o crescimento, que atuam como **forças de resistência** a uma maior vitalidade e renovação da vida e missão vicentinas. Para

assumir e desenvolver as forças de crescimento e para transformar as forças de resistência em forças de crescimento, a Assembleia delinea um **horizonte criativo** para a vitalidade e desenvolvimento da Congregação em seu serviço missionário aos Pobres.

Os dois textos, logo no início, fazem uma afirmação, trazem uma constatação importante: A CM se reconhece depositária, e nisto responsável, de um grande legado, de um grande patrimônio recebido de São Vicente e dos primeiros Coirmãos. Esta herança comporta uma rica **experiência espiritual**: a descoberta de Cristo evangelizador dos Pobres, contemplado, amado e seguido na escuta, no contato e no serviço dos Pobres. O amor a Cristo e/no amor aos Pobres, este é o grande amor, o grande ideal, que deve configurar a vida de cada missionário e de toda a CM. Todos os esforços e iniciativas, todos os recursos e instrumentos institucionais querem e devem concorrer para a concretização deste ideal fundacional e prioritário da Congregação. Movidos por este amor a Cristo nos Pobres, a CM e cada membro em particular são desafiados a ir aos Pobres, escutar seus clamores, compartilhar de sua pobreza e sofrimentos e buscar com audácia formas novas e criativas de serviço.

A Assembleia reconhece que este é o Espírito que deu vida à Congregação e que deve nortear sua vida e trabalho. Reconhece que a Congregação nasceu de uma experiência de fé de São Vicente, que foi dotado de um carisma pelo Espírito, para revitalizar a vivência da fé e transformar a Igreja. Este carisma é uma graça específica que Deus deu a São Vicente, pelo seu Espírito, para um projeto de vida a viver e a executar, e para o qual Deus o dota de graças e bênçãos especiais. Do carisma nasce a espiritualidade, que é o modo como respondemos à graça do carisma.

Todos nós sabemos bem a trajetória espiritual de São Vicente, não precisamos nos alongar. Mas precisamos ter sempre claro e presente que a realidade do Pobre pastoralmente abandonado e faminto, lida e experimentada na fé, foi a epifania de Deus para São Vicente. Aí, primeiro, ele descobriu o Verbo Encarnado nos Pobres, que

representavam para ele Jesus Cristo, e foi capaz de ver no rosto dos Pobres a face de Cristo, tão desfigurada como nos sofrimentos da Paixão e da Morte. Ainda, descobriu que os Padres também lhe revelavam a face de Cristo, o Cristo a serviço do desígnio de amor de Deus Pai, de sua vontade de salvar todos os seres humanos. Descobriu que os Padres também eram instrumento do próprio Jesus Cristo, evangelizador dos Pobres.

Nesta descoberta, cujo núcleo de tudo é a caridade missionária de Cristo, São Vicente se encontrou em sua identidade profunda. Esse descobrimento de Cristo, Verbo de Deus, encarnado nos Pobres e nos Padres, deu unidade à sua vida. Sua vida passou a ser toda teologal, fortemente marcada pela oração (adoração, agradecimento, súplica, intercessão, reparação), pelo Evangelho, pela Igreja (luta para purificá-la); totalmente comprometida com o serviço missionário e caritativo com os mais pobres, uma vida decididamente orientada pelo Verbo e por seus valores, seus motivos, seus critérios, seus modos de agir.

São Vicente mergulhou no mistério de Deus, desenvolveu e aprofundou a intimidade com Deus, auscultando seus apelos na realidade concreta que o rodeava e buscando uma forma de vida coerente e uma ação conforme à vontade de Deus. Deixou-se guiar e desalienar-se pelo Espírito de Deus, que o lançou para além de seus gostos e vontades pessoais, para além das tradições culturais, para além das práticas e costumes convencionais da época. Mergulhou no mistério de Deus, aceitou o imprevisível para o qual o Espírito de Deus conduz... Estendeu sobre sua vida esta lona do Espírito de Cristo Evangelizador dos Pobres. Por isso, nenhuma forma de pobreza lhe passou despercebida e sua vida se tornou fecunda em frutos de missão e caridade.

Disse que, em todo o texto, há também um dito no não dito. E aqui há um dito no não dito: O reconhecimento do grande patrimônio espiritual herdado de São Vicente e dos primeiros Coirmãos leva a CM a constatar e a denunciar toda **esclerose e esfriamento espiritual vicentino** que possa existir no seu interior.

A vocação vicentina nasce de uma experiência espiritual. O patrimônio vicentino só tem futuro e incidência na vida de cada um e na realidade atual se fundamentado e sustentado por uma forte experiência espiritual, evangélica, encarnada, atualizada e integradora das diversas dimensões humanas. Uma espiritualidade tradicionalista (fundada em práticas e mediações de um passado ultrapassado) ou uma espiritualidade *light* (superficial, individualista e imediatista, baseada nas conveniências dos gostos e vontades pessoais) impede o missionário de “ter os olhos fixos” em Jesus Evangelizador dos Pobres e distancia-o de seu “primeiro amor”. Inserido num mundo de mudanças rápidas, cheio de contradições e apelos muitas vezes pouco evangélicos, o missionário necessita de uma espiritualidade consistente e profunda que lhe permita purificar o coração, configurar seus desejos, sonhos, projetos, ideais e obras segundo o modelo de Cristo evangelizador dos Pobres.

Para terminar, gostaria de destacar duas aplicações práticas para estender vicentinamente a “lona” do Espírito de Jesus, o Profeta, o Servidor, o Evangelizador dos Pobres:

1. Para esticar a lona do Espírito em nossa vida, precisamos, à luz do testemunho profético de Jesus e do carisma vicentino, *desencadear um processo contínuo de avaliação e aprofundamento de nossas motivações, atitudes e práticas de vida e de serviço aos Pobres*. Com toda sinceridade, nos perguntemos: sob sombra de que espírito estamos encaminhando nossa vida e trabalho? Sob que sombra, sob o influxo de que espírito orientamos nossa vida e ação? Nossas motivações, projetos, emoções e sentidos de vida estão impregnados por que espírito? Procuramos cultivar o espírito vicentino através da oração, do contato direto com os Pobres, de práticas espirituais e pastorais realmente salutares? Não fazemos por vezes muitas concessões a outros espíritos, de modo que nossa identidade vicentina acaba se diluindo e perdendo seu sabor e sua força? Por fim, quem nos toca, quem se encontra conosco, sente sair de nós que tipo de forças, que frutos produzimos?

2. Renovemos, à luz do testemunho profético de Jesus, *nosso esforço de crescer no compromisso de servidores dos Pobres*. Em tempos como os nossos de esvaziamento da opção pelos Pobres, é preciso ter claro que, sem comunhão com o Pobre, não há comunhão com Cristo. Por outro lado, em tempos de globalização da riqueza e de fascínio com a vida de prazer e satisfação plena no aqui e agora, é preciso ter claro que sem comunhão com Cristo não há comunhão com os Pobres. Intensificar o confronto de nossas motivações, atividades e compromissos com a verdade originária de Jesus, de sua prática, do sentido que deu à sua vida. Que nossa vida seja impregnada do compromisso de comunhão e de serviço aos Pobres, mesmo que custem sacrifícios, perseguições, calúnias e sofrimentos. Com São Vicente, precisamos sempre resgatar a verdadeira figura de Jesus de Nazaré, em cuja vida de compromisso com os Pobres emerge a verdadeira busca da felicidade, da liberdade e do valor da pessoa. Com São Vicente, precisamos sempre resgatar a verdadeira figura de Jesus de Nazaré, cujo Espírito deve cobrir-nos inteiramente com sua sombra, de modo que as pessoas que de nós se aproximam, que nos tocam, sintam sair de nós uma força de vida, uma força de amor missionário e caritativo para com os Pobres.

REZEMOS COM SÃO VICENTE:

Tem sido vosso prazer, Salvador do mundo, vosso manjar e vosso néctar fazer a vontade de vosso Pai. Somos filhos vossos, que nos lançamos nos vossos braços para imitar vossas práticas; dai-nos esta graça.

Como não o podemos fazer por nós mesmos, é a vós que a pedimos, é de vós que a esperamos, mas com confiança e com grande desejo de vos seguir.

Ó Senhor, se é do vosso agrado dar este espírito à Companhia, que ela se esforce para se tornar sempre mais agradável aos vossos olhos, enchei-a de ardor para tornar-se semelhante a vós; e esta afeição a faça, desde agora, viver a vossa vida, de modo que cada um possa dizer com São Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20).

ESTICAR A LONA DA ESPIRITUALIDADE VICENTINA NA PRÓPRIA VIDA”

“Lembre-se que vivemos em Jesus Cristo, pela morte de Jesus Cristo. Devemos morrer em Jesus Cristo, pela vida de Jesus Cristo. Nossa vida deve estar escondida em Jesus Cristo e cheia de Jesus Cristo e, para morrer como Jesus Cristo, é preciso viver como Jesus Cristo”, (SVP).

✚ **Leia, medite e reze:**

📖 **SI 40(39); 80 (79)**

Lc 4, 14-21; Mt 5, 1-16; Jo 15, 1-18

⇒ As pessoas que de você se aproximam, que tocam em você, que forças sentem sair de sua pessoa, de seu trabalho? Sentem sair de você uma força de vida, uma força de amor missionário e caritativo para com os Pobres?

⇒ Que aspectos da espiritualidade vicentina sente que necessita aprofundar e desenvolver mais, para estender sempre mais em sua vida o Espírito de Cristo evangelizador dos Pobres?

“Não podemos assegurar melhor nossa felicidade do que morrendo a serviço dos Pobres, nos braços da Providência e numa total renúncia a nós mesmos, para seguir Jesus Cristo.” “Rogo a Nosso Senhor que Ele seja a vida de nossa vida e a única aspiração de nossos corações”. “Trabalhemos para que Deus reine soberanamente em nós e depois nos outros” (SVP).

Vida da Província

Ordenações Presbiterais

Pe. Francisco Ermelindo Gomes, C. M.



Com intenso júbilo, a Província Brasileira da Congregação da Missão viu prostrarem-se ao chão de suas cidades, numa entrega total e definitiva de si mesmos, dois de seus membros, constituídos presbíteros da Igreja para o serviço dos Pobres na Congregação da Missão.

Com o tema *“Eu vou lhes dar pastores de acordo com o meu coração, eles guiarão vocês com ciência e sensatez”* (Jr 3, 15), foram feitos todos os preparativos para a Ordenação

Presbiteral de nosso Coirmão Diácono **Odinei de Paiva Magalhães**, na cidade de Senhora de Oliveira, Arquidiocese de Mariana. Na cidade e na pitoresca “rocinha” onde nasceu e cresceu o Padre Odinei, foi realizado o tríduo, muito bem preparado pelo Padre Alexandre Nahass e presidido por alguns Coirmãos.

No dia 12 de novembro, na bela e imponente matriz de Nossa Senhora da Oliveira, sob o testemunho e as preces de numerosa assembleia, foi ordenado Padre



esse nosso Coirmão, pela oração da Igreja e pela imposição das mãos de Dom Getúlio Teixeira Guimarães, SVD. Pe. Odinei estava irradiando felicidade ao lado de seus pais e irmãos, aos quais pôde abençoar com grande afeto e alegria.

“Eu me consagro por eles, a fim de que eles também sejam consagrados na verdade” (Jo 17, 19). Com essa inspiração, nosso Coirmão, Diácono **Vanderlei Alves dos Reis**, junto de seus familiares e do povo da bucólica Córregos, que mais parece uma cidade cenográfica, preparou-se para sua ordenação presbiteral. Da mesma forma, precedeu a ordenação um belo e bem preparado tríduo vocacional, igualmente presidido por alguns de nossos Coirmãos. E foi no dia 3 de dezembro, em Conceição do Mato Dentro, Diocese de Guanhanes, no santuário do Bom Jesus de Matozinhos, lugar de peregrinação de numerosos fiéis que, pelas preces da Igreja e pela imposição das mãos do seu tão querido conterrâneo, Dom José Maria Pires, foi ordenado padre nosso Coirmão Vanderlei.



Ambas as celebrações foram marcadas pela simplicidade e pela beleza. Tudo preparado com imenso carinho por tantas pessoas que não se podem nem nomear. Muitas completamente anônimas, mas integradas num conjunto harmonioso de homens e mulheres de boa vontade, que não mediram esforços para que nada faltasse. E assim aconteceu. As muitas caravanas que estiveram presentes às Ordenações só tinham elogios e sentimentos de gratidão pelo modo como foram recebidas. O que dizer dos pais e demais familiares dos neo-presbíteros?

Que beleza, que grandeza, que testemunho de fé e vida! Gente boa de verdade! A eles, a eterna gratidão da Igreja, da PBCM e dos Pobres pela generosa oferta de seus filhos. Comovente e digna de destaque é também a presença fervorosa e cheia de afeto do bom Povo de Deus das paróquias onde passaram e onde estão atualmente os novos padres. Que nosso serviço abnegado seja a marca de nossa gratidão! Foi um testemunho bonito de comunhão e fraternidade a presença e a participação de vários Coirmãos Padres, Irmãos e Seminaristas da PBCM. Deus seja louvado! Igualmente belas e dignas de louvor, pelo espírito de comunhão no presbitério, foram a dedicação e a presteza dos párocos das paróquias de origem dos Padres Odinei e Vanderlei, preparando tudo junto de suas comunidades com verdadeiro esmero. A eles, nosso reconhecimento e nossas preces.



O que vimos e ouvimos vale a pena anunciar, pois, em todos esses acontecimentos, pudemos entender que o Reino de Deus está próximo e que o Senhor continua acreditando e apostando muito no ser humano. Que Ele ainda confia muito na nossa capacidade de amar e servir aos Pobres com verdadeira caridade. Por tudo e por todos, brote de nossos lábios uma suave e forte prece de louvor: *“Te Deum laudamus”!*

Encontro Vocacional Vicentino

Pe. Alexandre Nahass Franco, C. M.



Com muita alegria e esperança, realizamos o Encontro Vocacional Vicentino, de 7 a 11 de dezembro de 2011, no Seminário São Justino de Jacobis, em Belo Horizonte. Contamos com a presença de 9 vocacionados. Alguns já haviam feito a 1ª Etapa em julho, mas outros, que já vinham sendo acompanhados pelo SAVV, tiveram sua primeira participação.

No dia 7 de dezembro, iniciamos os trabalhos à noite, com uma dinâmica de apresentação coordenada pelos Seminaristas Érik e Maelson, seguida de uma oportuna reflexão vocacional feita pelo Pe. Geraldo Barbosa.

No dia 8, os trabalhos foram coordenados pela Ir. Ana Rocha (Filha da Caridade) e a Psicóloga Marisa, com o tema *Dimensão Humano-Afetiva*, para os vocacionados que não participaram do encontro de julho. Pe. Geraldo Barbosa fez uma reflexão sobre o Chamado de Deus e

presidiu a Celebração Eucarística. À noite, os jovens tiveram uma conversa com seus orientadores.

Na sexta-feira, dia 9, na parte da manhã, o tema foi assessorado pela Ir. Ana e pela Marisa para todos os vocacionados, dentro da dimensão humano-afetiva e comunitária: Relações Interpessoais. No período da tarde, Pe. Marcus Alexandre orientou dois conteúdos: *Seguimento de Jesus Cristo e Realidade dos Pobres*. Depois da Celebração Eucarística, presidida pelo Pe. Wander, e do jantar, os jovens continuaram o acompanhamento com seus orientadores.

No sábado pela parte da manhã, Pe. Vinícius assessorou o encontro, partilhando alguns elementos sobre a vida de São Vicente e Santa Luísa, sobre a espiritualidade vicentina, a Congregação da Missão e a Família Vicentina. Em seguida, Pe. Alexandre Nahass e Pe. Marcus Alexandre apresentaram um painel sobre o trabalho da PBCM com os Pobres e a presença da Congregação no mundo, no Brasil e as diversas atividades realizadas pelos Padres e Irmãos da Missão. No período da tarde, houve uma reunião da Equipe do SAVV. Os vocacionados, por sua vez, guiados pelo seminarista Érik, fizeram um passeio por alguns pontos turísticos de Belo Horizonte. Às 19h30, tivemos a grande oportunidade de participar da Celebração Eucarística presidida pelo Pe. Marcus Alexandre, na Comunidade São Vicente de Paulo, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em Contagem, onde, depois, os Coirmãos Pe. Pedro e Pe. Neider, juntamente com alguns leigos, ofereceram um lanche com momentos de partilha e convivência fraterna.

Encerramos nosso encontro no domingo, dia 11 de dezembro, quando iniciamos as atividades com uma manhã de espiritualidade voltada para o Discernimento Vocacional, orientada pelo Pe. Onésio. Pe. Alexandre presidiu a Celebração Eucarística, enfatizando a experiência de chamado e resposta que os jovens vocacionados conseguiram viver nestes dias de encontro, sobretudo a partir do Senhor que chama e aguarda pessoas disponíveis e generosas, que são capazes de responder positivamente para a Missão Vicentina junto aos Pobres, com docilidade

e confiança, coragem e audácia, discernimento e sensatez. No momento pós-Comunhão, também agradeceu à Equipe Provincial do SAVV e às colaboradoras, citando um pensamento muito oportuno de São Vicente *“Pertence somente a Deus escolher os que ele quer chamar e estamos seguros de que um missionário dado por sua mão paternal fará sozinho melhor do que muitos outros que não tenham uma vocação pura. A nós nos cabe pedir-lhe que envie operários para sua messe e viver tão retamente que, com nossos exemplos, sejamos mais atraentes do que repugnantes aos que trabalham conosco”* (SV VIII, 287).

Leigos representantes de equipes vocacionais ligadas à PBCM também enriqueceram o encerramento do Encontro Vocacional. Logo após o almoço, foi feita uma reunião com os vocacionados que irão ingressar no Seminário. Com a graça de Deus, oito jovens estarão iniciando sua caminhada formativa em 2012, juntamente com os seminaristas que continuam perseverantes em sua caminhada na PBCM. Eis os nome dos que deverão ingressar em fevereiro de 2012:

Danilo Silva Filho – Campina Verde-MG

Jadson Brito - Recife-PE

Joadson Santos Moreira – Buerarema-BA

José Leandro Santos Neto – Barretos–SP

Paulo César da Silva – Barroso-MG

Walisson Júnior Rezende da Silva - Belo Horizonte-MG

Walter Fabián Prieto – Santander-Colômbia

William Luiz de Lima - Barão de Cocais–MG

Que os Coirmãos e os leigos possam valorizar **sempre** cada etapa do acompanhamento vocacional no despertar da vocação, no cultivo do chamado, no discernimento da



resposta e no próprio acompanhamento da caminhada vocacional. Desejamos um Serviço de Animação Vocacional Vicentino não só preocupado com a quantidade, que é muito importante, mas acima de tudo com a qualidade dos vocacionados!

Que cada um de nós tome consciência da importância e responsabilidade da nossa missão na animação vocacional, através da oração, do testemunho, do incentivo a diversas iniciativas de cunho vocacional, do apoio a leigos e leigas dispostos a trabalharem conosco no SAVV e do acompanhamento dos jovens em nossas Comunidades!

Deus seja louvado por continuar enviando Operários para a Seara Vicentina!

Missão Além-Fronteiras

Curso de Inserção Missionária

Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado escreveu nestes termos ao Padre Visitador: *“Depois de oito meses de convivência com a cultura popular do sul de Moçambique, nesta missão vicentina além-fronteiras, tendo também recebido uma boa contribuição para o início da compreensão desta cultura através do Curso de Inculturação Missionária, em Inhambane, no início do mês de maio do corrente ano, resolvi repassar ao Informativo da PBCM um breve resumo de pontos básicos de culturas africanas. É claro que cada um destes pontos merece respeitoso aprofundamento, o que só pode acontecer mediante convivência paciente e estudo cotidiano. Em outros momentos, poderemos dar mais um passo na divulgação de mais algumas ideias da Cultura Tradicional Africana (CTA)”*.

Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado, C. M.

Moçambique (África)

OS RITOS VITAIS:

- A partir da concepção no seio da mãe, para as nações africanas, já surge uma nova pessoa. O aborto não é uma prática natural das culturas africanas. Pode até acontecer, porém, por influências externas.
- Após a concepção, as atenções do clã se voltam para a gravidez da mulher. O clã funciona como família ampliada, alargada.
- Ao nascer, a criança passa por cerimônias de integração com o clã, a família e a natureza. Aqui se dá a presença dos 4 elementos da natureza (terra, água, fogo e ar):
 - Uma palhota (cabana típica das aldeias) é preparada para o nascimento da criança.
 - Apresentação à mãe-terra – na porta da palhota.
 - Cerimônia de integração à sexualidade.
 - Apresentação ao fogo (com galhos da árvore da vida).
 - Apresentação à água em forma de chuva – com a gamela sagrada.

- Apresentação ao vento (na direção dos 4 pontos cardeais).
- A reintegração da mãe à natureza. É importante observar que todas essas cerimônias são presididas por mulheres, símbolo do cultivo da vida.
- As tradições variam entre os clãs. Há muitas diferenças regionais, mas há uma raiz comum entre os diversos matizes culturais.
- A qualidade da vida da pessoa depende do seu comportamento dentro do seu clã (obediência às leis dos seus ancestrais e dos mais velhos).
- Ao nascer e passar pelos rituais a pessoa recebe dois nomes: um nome de antepassados do clã (segredo interno) e outro nome socialmente conhecido.
- Após seis meses de gestação até 1 ano do nascimento da criança o casal não mantém relações sexuais. Há segredos internos dentro da família; não se revela a ninguém.
- Para cada doença ou morte é preciso saber o culpado no laboratório da cultura tradicional. Aqui está o papel dos curandeiros dentro de cada clã.
- Somente são acusadas de feiticeiras pessoas mais vividas, mais idosas (experiência de vida acumulada). Mas isso pode funcionar também como forma de rejeição dos mais idosos dentro do clã, da família.
- A doença e seu tratamento dependem das origens que se lhes atribuem. Os curandeiros são considerados os médicos do clã.
- A árvore da vida é conhecida em toda a África, mas em cada região tem o seu nome próprio.
- A tradição é passada às novas gerações, mas dificilmente se inovam – aqui está a lógica da repetição. Isso cria muitos conflitos com os novos tempos e as bruscas mudanças ideológicas.

A PRESENÇA DO(A) MISSIONÁRIO(A):

- O missionário → peregrino dos pés, do coração, da mente. Mendicante do sentido da transcendência. Parte do seu eu está nas outras pessoas.
- O missionário é um perdedor: deixa a tua terra, seus familiares, amigos e vai... é necessário perder para ganhar.

- O Espírito já estava aqui à tua espera (nosso dever: potencializar a missão).
- O missionário deve ter: 4 olhos, 4 ouvidos, uma boca pequena (ver, admirar, amar para depois falar). Falar somente o necessário, o que serve para dar alento à vida. Eis a prudência missionária.
- O conhecimento mútuo se dá por osmose – cultivo do espírito de reciprocidade.
- Fazer o tempo perdendo tempo – cultivo da paciência evangélica.
- O missionário está sempre no percurso – dinâmica do caminho sempre aberto, novas possibilidades.

- Estar sempre atento para evitar a tendência do menor esforço. Espírito de sacrifício.

- Evangelização ↔ inculturação.

Disponibilidade integral para acolher o novo.

- Amar incondicionalmente

a missão local é o ponto de partida para além-fronteiras.

- **Gaudium Spes 53**: respeito e reconhecimento da cultura local – comportamento imprescindível à missão popular.

- Tarefa de superar a esquizofrenia religiosa: eliminar o que há de negativo e cultivar o que há de positivo e essencial à luz do Evangelho de Cristo. Denominamos isso de Encarnação do Evangelho.

- A tarefa de construir diálogo do cristianismo com a Cultura Tradicional Africana (TDA). Evitar o verniz no processo evangelizador.

- A Evangelização autêntica deve gerar uma realidade nova: **encontro de pessoas com pessoas**. Sem espírito de superioridade ou inferioridade; simplesmente presença evangelizadora. Diálogo que gera reciprocidade.



O SENTIDO E A FORÇA DA PALAVRA:

- Uma origem comum cultural perpassa toda a África. Matriz cultural - cultura da oralidade – tradição oral – memória coletiva (a família, o clã).
- A palavra falada, cantada, dançada, ritmada, gesticulada, simbolizada, constitui o único meio de conservar e transmitir a cultura dos antepassados.
- A palavra é fecunda, é sagrada – comunhão vital entre os vivos e os mortos.
- A riqueza da simbologia: símbolos, sinais, gestos, sons, cores, ritos, sabores. Ação recíproca entre os símbolos e a Palavra.
- A vida: elemento fundante na cultura africana. Dentro de diversificados padrões regionais.
- Os anciãos – transmitem a credibilidade da vida (experiência).
- A centralidade da família nuclear. Relação e participação comunitária.
- A existência da pessoa ↔ comunidade. Conceito próprio do Pobre: Pobre é aquele que não tem família, não produziu relações, vive no isolamento.
- A celebração do mistério da vida através dos ritos. Imortalidade espiritual da pessoa no seu todo (a memória).
- Toda a realidade é animada pelo timbre da vida. Presença constante do sagrado.
- A interação entre as coisas – harmonização do universo.
- As árvores – reservatórios do princípio vital (árvore da vida).
- O Clã – lugar natural da participação/conservação vital.
- A natureza nunca erra – equilíbrio das forças cósmicas. A intervenção do homem pode provocar revolta da natureza – desequilíbrio do sistema natural. Aqui entra o valor reparador dos sacrifícios.

- As catástrofes – compreendidas como má conduta das pessoas – repercutem em cadeia no seio do clã – família ampliada.
- O culto aos antepassados – serve para desbloquear o canal da graça (reparação).
- A educação tradicional – socialização dos indivíduos no clã/sociedade.
- O africano é monoteísta – Deus não se zanga com sua criatura. A pessoa é educada para não ter medo de Deus. Deus é misericordioso. O medo está nos espíritos dos antepassados quando mal servidos pelos seus. Aqui se cultiva o papel dos rituais – MHAMBA.

Obs.: Numa próxima oportunidade, apresentaremos o esquema do MHAMBA, numa dinâmica de aproximação do *rito eucarístico*, para uma melhor compreensão deste ritual tradicional africano.

Notícias

Notícias do Visitador e do Conselho

- 1. Com aprovação unânime do Conselho Provincial, no dia 22 de novembro de 2011, foi assinado um convênio, pelo qual fica pactuado que a Arquidiocese de Porto Velho (RO) confia à PBCM o cuidado pastoral da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Itapuã do Oeste (RO). Estão designados para esta nova Missão dois Coirmãos: Pe. Weliton Martins Costa e Pe. Vanderlei Alves dos Reis. As Filhas da Caridade das 6 Províncias do Brasil também estão se organizando para abrir comunidades em Itapuã e Ariquemes, com 3 Irmãs em cada localidade. Nossa missão será em parceria com elas.*
- 2. Pe. Luiz de Oliveira Campos foi transferido da Paróquia N. Sra. das Graças, Brasília (DF) para o Santuário da Medalha Milagrosa, Matoso, Rio de Janeiro (RJ), do qual será o Reitor.*
- 3. Recebemos e aprovamos o pedido do seminarista Tiago de França Silva para emitir o Bom Propósito. A celebração será no dia 3 de fevereiro de 2012, no Instituto São Vicente de Paulo, em Belo Horizonte (MG).*
- 4. Recebemos e aprovamos o pedido de admissão ao Seminário Interno de 3 seminaristas: Ailton Ferreira Batista, Edimilson Vicente de Melo e Gustavo Alivino Silva.*
- 5. Celebração litúrgica de abertura do ano letivo das Casas de formação e reinauguração do Instituto São Vicente de Paulo, agora completamente reformado: dia 3 de fevereiro.*
- 6. Tendo ouvido o parecer dos Coirmãos implicados na formação dos Nossos, definimos que Pe. Juarez Carlos Soares e Pe. Luís Carlos do Vale Fundão serão os responsáveis pela Comunidade do Propedêutico e Filosofia, no Instituto São Vicente de Paulo. Pe. Wander Ferreira e Pe. Vinícius Augusto Teixeira serão responsáveis pela Comunidade da Teologia, no Seminário São Justino de Jacobis.*